

Poesias de João Cabral de Melo Neto
Traduzidos por Mark Ridd

119

A Educação pela Pedra

Uma educação pela pedra: por lições;
para aprender da pedra, frequentá-la;
captar sua voz inenfática, impessoal
(pela de dicção ela começa as aulas).
A lição de moral, sua resistência fria
ao que flui e a fluir, a ser maleada;
a de poética, sua carnadura concreta;
a de economia, seu adensar-se compacta:
lições de pedra (de fora para dentro,
cartilha muda), para quem soletrá-la.

*

Outra educação pela pedra: no Sertão
(de dentro para fora, e pré-didática).
No Sertão a pedra não sabe lecionar,
e se lecionasse, não ensinaria nada;
lá não se aprende a pedra: lá a pedra,
uma pedra de nascença, entranha a alma.

Education by Stone

An education by stone: by lessons;
to learn from stone, frequent it;
capture its flat, impersonal voice
(with diction its course commences).
Lessons on morals, tepid resistance
to flows and flowing, being moulded;
on poetics, concrete incarnation;
on economics, compact densification:
lessons of stone (from outside in,
dumb primer) for he who spells it out.

*

Another education by backland stone
(inside out and pre-didactic).
Stone in the backlands cannot instruct,
and if it could, it would teach nothing;
no stone learning there: a barren
birthrock brands the backland soul.

Trans. Mark Ridd

Catar feijão

Catar feijão se limita com escrever:
joga-se os grãos na água do alguidar
e as palavras na folha de papel;
e depois, joga-se fora o que boiar.
Certo, toda palavra boiará no papel,
água congelada, por chumbo seu verbo:
pois para catar esse feijão, soprar nele,
e jogar fora o leve e oco, palha e eco.

2.

Ora, nesse catar feijão entra um risco:
o de que entre os grãos pesados entre
um grão qualquer, pedra ou indigesto,
um grão imastigável, de quebrar dente.
Certo não, quando ao catar palavras:
a pedra dá à frase seu grão mais vivo:
obstrui a leitura fluviente, flutual,
açula a atenção, isca-a como o risco.

Culling beans

Culling beans is on the rim of writing:
in the shallow bowl the beans are cast,
and on the paper sheet the words;
whatever floats must be thrown out.
True, words will float on paper blank,
congealed water, leaden verb: to cull
these beans, then, blow to winnow out
what's hollow and vain, chaff and refrain.

2.

Now culling beans entails a catch:
among the heavy beans may lurk
an unchewable, rock-hard grain
tough enough to break a tooth.
Not so with culling words: a stone
may give a phrase its brightest grain:
it halts the fluviant read afloat,
draws attention, baiting for the catch.

Trans. Mark Ridd

Rios sem discurso

Quando um rio corta, corta-se de vez
o discurso-rio de água que ele fazia;
cortado, a água se quebra em pedaços,
em poços de água, em água parálitica.
Em situação de poço, a água equivale
a uma palavra em situação dicionária:
isolada, estanque no poço dela mesma,
e porque assim estanque, estancada;
e mais: porque assim estancada, muda,
e muda porque com nenhuma comunica,
porque cortou-se a sintaxe desse rio,
o fio de água por que ele discorria.

*

124

O curso de um rio, seu discurso-rio,
chega raramente a se reatar de vez;
um rio precisa de muito fio de água
para refazer o fio antigo que o fez.
Salvo a grandiloquência de uma cheia
lhe impondo interina outra linguagem,
um rio precisa de muita água em fios
para que todos os poços se enfrasem:
se reatando, de um para outro poço,
em frases curtas, então frase a frase,
até a sentença-rio do discurso único
em que se tem voz a seca ele combate.

Melo Neto (1979, p. 26)

Speechless rivers

When a river rives, the fluent
river-speech it gave will be for ever
trounced; once severed, water shatters
into wells of water, paralytic pounds.
Once welled, water will resemble
a word in discrete dictionary state:
stranded, in its own well stanching,
and, for the stanching, stemmed;
further: for the stemming, dumb,
dumb for with all others out of touch,
for the river's syntax has been riven,
the trickle whence it babbled on.

*

A river's course, its discourse-stream,
rarely reassembles at one go;
a river must have untold strands of water
to regain the ancient yarn, its source.
Unless the grandiloquence of a flood
perforce affords another fickle tongue,
a river needs water in teeming strands
to rephrase all its discrete wells:
reconnecting, one well to another,
in phrases terse, then clause to clause,
to seamless river-sentence speech that
voices still the drought it keeps at bay.

Trans. Mark Ridd

Melo Neto, João Cabral de. **Poesias completas**: 1940-1065. 3 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1979.